

O ENSINO DA ANATOMIA HUMANA E SUA RELEVÂNCIA PARA O CURSO DE ENFERMAGEM

Juliano Yasuo Oda*

Marco Antonio Sant'Ana Castilho**

Salustiane Luiza de Castro***

ODA, J. Y.; CASTILHO, M. A. S.; CASTRO, S. L. O ensino da anatomia humana e sua relevância para o curso de enfermagem. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 9, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2009.

RESUMO: A sala de aula, mais do que qualquer outro espaço de convivência entre pessoas, é um lugar onde as ideias, pensamentos e conhecimentos se relacionam e se influenciam constante e mutuamente. A disciplina de anatomia humana é um espaço que, academicamente, pode ser visto como ideal para a produção de novos conhecimentos e preceitos científicos, éticos e também humanitários. Nas tendências atuais do mercado de trabalho, assim como na redução da carga horária desta disciplina, faz-se necessária a prática da interdisciplinaridade, a quebra dos paradigmas do ensino tradicional e a valorização dos conteúdos trazidos pelos discentes. Diante do paradoxo de se estudar um corpo sem vida para facilitar o entendimento do corpo com vida, surge a indagação de como está sendo conduzida esta disciplina, em particular para o curso de enfermagem. Neste trabalho dispôs-se de meios bibliográficos para a discussão da relevância da disciplina de anatomia humana para o curso de enfermagem e sua aplicabilidade neste meio.

PALAVRAS-CHAVE: Anatomia humana. Enfermagem. Ensino em saúde.

HUMAN ANATOMY TEACHING AND ITS RELEVANCE TO NURSING COURSE

ABSTRACT: The classroom, more than anywhere else, is a place where people exchange ideas, thoughts and knowledge interact and influence mutually and

*Fisioterapeuta. Professor adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem - Universidade Paranaense – UNIPAR – campus sede. jyoda@unipar.br

**Biólogo especialista em morfologia e responsável técnico em anatomia humana – Universidade Paranaense – UNIPAR – campus sede. marcocastilho@unipar.br

***Enfermeira graduada pela Universidade Paranaense - UNIPAR

constantly. Human anatomy can academically be viewed as ideal for learning and creating new knowledge as well as scientific, ethic and humanitarian precepts. Within the current market trends as well as the downshifting concerning this subject, it is necessary to practice interdisciplinarity, breaking traditional teaching paradigms and valorizing the contents brought by students. In light of the paradox of studying a lifeless body to facilitate understanding a live body, the issue concerning how this discipline is being conducted arises, particularly in Nursing. This study made use of literature for discussing the relevance of Human Anatomy in Nursing and its applicability.

KEYWORDS: Human anatomy. Nursing. Health teaching.

LA ENSEÑANZA DE ANATOMÍA HUMANA Y SU RELEVANCIA PARA EL CURSO DE ENFERMERÍA

RESUMEN: El aula, más que cualquier otro espacio de convivencia entre personas, es un lugar donde las ideas, pensamientos y conocimientos se relacionan y se influyen constante y mutuamente. La asignatura de anatomía humana es un espacio que, académicamente, puede ser visto como ideal para la producción de nuevos conocimientos y preceptos científicos, éticos y también humanitarios. En las tendencias actuales del mercado de trabajo, así como la reducción de la carga horaria de esta asignatura, se hace necesaria la práctica de la interdisciplinaridad, la quiebra de los paradigmas de la enseñanza tradicional y la valorización de los contenidos traídos por los discentes. Delante del paradoja de estudiar un cuerpo sin vida para facilitar el entendimiento del cuerpo con vida, surge la indagación de cómo está siendo conducida esta asignatura, en particular para el curso de enfermería. En esta investigación se dispuso de medios bibliográficos para la discusión de relevancia de la asignatura de anatomía humana para el curso de enfermería y su aplicabilidad en este medio.

PALABRAS CLAVE: Anatomía humana. Enfermería. Enseñanza en salud.

INTRODUÇÃO

Antes de se estabelecer a relação professor e aluno, estes indivíduos são seres humanos se interrelacionam na sala de aula, e por esse relacionamento ser longo, influenciam-se reciprocamente, e os resultados do ensino dependerá das muitas possibilidades de diretrizes deste relacionamento (ABREU; MASETTO, 1990). Diante desse fato questiona-se a

ação docente na formação profissional nos cursos de graduação em Enfermagem, em particular na disciplina de anatomia humana.

É percebido que o ensino de anatomia humana, apesar da tecnologia e evolução dos métodos didáticos, não apresenta grandes mudanças. Stacciarini e Esperidião (1999) afirmam que o conteúdo era e continua a ser apresentado quase sempre de forma expositiva, gerando como resposta a unilateralidade de comunicação e restrição a um raciocínio crítico por parte do aluno. Ressaltam ainda que o conteúdo isolado da realidade profissional e acadêmica deixa de construir relações com a prática de trabalho, com as outras disciplinas, como também de estimular seu aperfeiçoamento como cidadão. Mesmo com o emprego dos recursos tecnológicos, como projetores multimídia, não se atinge a realidade prática dos alunos.

Costa (2007), relata que a estrutura das aulas de anatomia humana apresenta dois momentos distintos; a parte teórica, no qual são apresentados os conceitos e definições dos sistemas e órgãos do corpo humano; e a parte prática, que, utilizando-se de peças anatômicas geralmente naturais em laboratório, faz-se estudo das características gerais e suas interrelações. Não é apenas a visualização de estruturas, mas a aplicação no dia a dia dos alunos. Dessa maneira, Horne et al. (1990), acreditam na importância do uso do cadáver nas aulas práticas de anatomia para a formação da personalidade e da ética profissional, sendo que os autores consideram o cadáver como o primeiro paciente do acadêmico de graduação na área de saúde.

Mompeo e Perez (2003) consideram a anatomia como uma das colunas fundamentais que dão sustento às ciências da saúde, e que seu entendimento é necessário para um bom proceder profissional.

No entanto, as aulas teóricas e práticas poderiam ser abordadas de forma a se completarem, separando a dicotomia do teórico-prático, para que existam relações com as ações profissionais do enfermeiro. A partir do conhecimento do organismo humano, o professor conseguirá conduzir os acadêmicos a compreenderem e a elaborar questionamentos diretos e objetivos do seu cotidiano. Associando os elementos teóricos às compreensões das próprias experiências e proporcionando aos alunos a construção do conhecimento, a partir de seus significados pessoais, as aulas de anatomia seriam realmente integrativas (PEREIRA, 2003).

A disciplina de anatomia apresenta um enfoque biologicista, devido à tradição da medicina, a qual define um modelo profissional aderido aos aspectos do homem enfermo, ou seja, a formação acadêmica centrou no estudo das doenças e dos problemas médicos, desvinculando o aspecto sócio-histórico do paciente (LUNA; MUNOZ, 2000).

Machado; Caldas-Jr; Bortocello (1997) alertam para a necessidade de se buscar um modelo educacional que reúna uma sólida formação científica, ética e humanista às responsabilidades profissionais, porque o mercado de trabalho apresenta um dinamismo constante entre as necessidades deste trabalho e a atuação profissional.

Nesse sentido, o ensino preconizado nas ciências da saúde está cada vez mais interligado através da interdisciplinaridade. As divisões que até pouco tempo havia são atualmente base de uma divisão burocrática (MALNIC; SAMPAIO, 1994).

As reflexões específicas sobre o ensino de anatomia humana, em geral, são pouco comuns. Assim sendo, os limites encontrados por este estudo estão ligados diretamente à falta de investigações que discutam a fundamentação teórica referente aos aspectos educacionais relacionados com o ensino da anatomia humana para cursos de enfermagem.

Por esse motivo, embasado no pensamento de Webb (2006), no qual a questão central de todas as ciências da saúde consiste na apreciação da própria vida, surge o objetivo deste estudo, que é promover uma reflexão sobre o ensino de anatomia para que tenha abrangência tal que os resultados possam ir além de fazer do indivíduo um repositório de saber. Deve apontar para uma educação integral e contextualizada, em que o indivíduo consiga expressar a plenitude das suas capacidades, no qual o graduando aprenda a ser um verdadeiro profissional.

DESENVOLVIMENTO

O ensino de enfermagem no Brasil teve como referencial a enfermagem americana, que, no início do século, era um ensino com pouco conteúdo teórico e dedicava-se à repetição das tarefas, sem a esperada compreensão dos fenômenos. Esse quadro fez com que fosse determinado o “Standart Curriculum” (currículo Padrão), baseado numa instrução teórica. O “Standard Curriculum for Nursing School”, proposto pela pri-

meira vez em 1917, foi ressaltado o ensino clínico como essencial (CARVALHO¹ apud DELL'ACQUA, 2002).

A partir deste ponto, no ensino de enfermagem são inseridas constantes mudanças curriculares, assim também as discussões de propostas pedagógicas. Perspectivas humanistas através de métodos mais críticos e reflexivos são o foco das novas diretrizes curriculares para o curso de enfermagem. Espera-se que as universidades estejam comprometidas com o destino dos homens, a mando da busca de qualificação acadêmica e do compromisso social, superando a fragmentação do conhecimento que ainda hoje é notado (RODRIGUES; ZANETTI, 2000).

Até porque, Machado; Caldas-Jr; Bortocello (1997) afirmam que o ensino das profissões na área da saúde apresenta a característica do domínio e transmissão de conhecimentos e habilidades, os quais são entendidos como suficientes para uma boa prática profissional. Dessa forma, os currículos são estruturados com prioridades para a aquisição de uma bagagem cognitiva e prática. Pode ser entendida como uma simulação mal sucedida do trabalho profissional, pois não é adequada às condições legítimas da prática profissional.

No que diz respeito ao relacionamento entre enfermeiro e paciente, na prática de enfermagem, discussões são levantadas quanto à necessidade de reflexões filosóficas humanísticas e direcionamentos didáticos que venham a acolher as expectativas da cultura do novo milênio (SADALA; STEFANELLI, 1996). Portanto, Freitas; Fávero; Scatena (1993) estabelecem que o conhecimento em enfermagem deve envolver uma formação que garanta ao profissional competência técnica, científica, administrativa e política.

Costa (2007) declara que a atual sociedade exige que suas necessidades sejam atendidas, levando-se em conta as dimensões socioculturais, psico-emocionais e físico-biológicas dos sujeitos que nela estão inseridos e que dela fazem parte, num movimento participativo e responsável.

Mediante estas transformações curriculares no ensino de enfermagem, mesmo diante da atualidade tecnológica persiste a disciplina de anatomia humana, aparentemente tão desumana e fria. Continua sendo

¹CARVALHO, A.C. Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico. 1972. Tese – Escola de Enfermagem – USP.

uma das disciplinas que fornecerão a base para a compreensão das disciplinas clínicas e profissionalizantes (CORREDERA; SANTANA, 2003).

Não são poucas as vezes em que a disciplina de anatomia humana é considerada como uma disciplina “morta”, de teor frio e mecânico, devido à sua característica descritiva e de aprendizado árduo. Mas a anatomia humana é propícia à inculturação de princípios éticos e humanitários aos acadêmicos. Pode, sim, ser um caminho para fornecer condição favorável para que os acadêmicos, por meio de aquisição de novos conhecimentos e valores, possam ser levados ao ser profissional, rompendo as ações mecânicas rumo ao equilíbrio e à adaptação do sentido do fazer e do pensar, inspirado pela humanização e por condutas éticas com aquele que é assistido (TAKAHASHI; FERNANDES, 2001).

Horne et al. (1990), consideram o cadáver como o primeiro paciente do estudante de curso de saúde. Por meio de tal consideração, pode-se afirmar que a relação que o acadêmico tem com a disciplina de anatomia humana dirá respeito à interação que terá com o futuro paciente. Por isso, deve o acadêmico aprender a lidar com seus valores, emoções, medos e angústias, ao cuidar do outro; outro, que também expressa seus sentimentos e valores, ao se relacionar com o acadêmico.

Autores como Madeira (2008) consideram a anatomia humana como a disciplina alicerce de todas as disciplinas clínicas. É, portanto, uma disciplina instrumental e indispensável. A saber, que uma disciplina instrumental significa o que será usado, um instrumento, uma ferramenta, uma atividade intelectual eficaz. Logo, conhecê-la bem é uma necessidade.

Corredera e Santana (2003) declaram que as metas do ensino de anatomia humana são, no mínimo, conhecer as estruturas anatômicas e as relações entre elas; reconhecer estruturas anatômicas por meio de técnicas de imagens e entender as bases anatômicas da patologia.

A prática de uso de peças sintéticas para o ensino de anatomia humana tem sido cada vez mais difundida devido à dificuldade para aquisição de peças humanas e ao sentimento que o uso do cadáver provoca nos acadêmicos, durante as aulas práticas. Em tal situação emerge a questão da necessidade da utilização de cadáveres humanos na prática do ensino desta disciplina, não apenas devido à qualidade de peças sintéticas disponíveis no mercado, mas, principalmente, diante da vivência que o

emprego dessa ferramenta pedagógica produz no profissional da saúde. O que dizer, por exemplo, dos profissionais de enfermagem que, em sua rotina de trabalho, deparam com situações de emergência, pacientes graves, quadros de morte, e devem aplicar seus conhecimentos em meio a esse ambiente agitado e estressante (SPINDOLA et al., 1994).

Piatto e Batigália (2000) também concordam com a importância do estudo em peças cadavéricas, pois além da aquisição do conhecimento científico, também é ponto de partida para o progresso de conscientização do processo de vida e morte. Torres et al. (1989) complementam que a disciplina de anatomia humana consiste em um instrumento de auxílio para os futuros profissionais, no sentido de os ajudar no entendimento de sua própria finitude.

Os estudos de Horne et al. (1990) corroboram, ao enfatizarem que o contato com o cadáver humano estabelece oportunidade para a sensibilização dos estudantes nas possíveis situações complexas em suas carreiras, além de fomentar a discussão de temas difíceis, como dignidade humana, mortalidade, luto e o lidar com as emoções.

O estudo da anatomia é inspirado no conceito de uma subdivisão regional e topográfica do corpo humano, seguido por uma descrição dos sistemas orgânicos em particular, mas interrelacionados. Tal descrição constitui o alicerce para o estudo da estrutura tridimensional do ser humano vivo. Diante desta condição, faz-se a compreensão da anatomia funcional, de maneira que a aplicação destes conhecimentos leva à relevante anatomia clínica e ao entendimento das modernas técnicas de imagens (PIATTO; BATIGÁLIA, 2000).

Com a finalidade de um ensino mais qualificado, o Ministério da Educação convoca os professores a utilizar os princípios da interdisciplinaridade e contextualização, que propõe ao acadêmico um desenvolvimento interativo, permitindo um entendimento mais vasto da realidade, em que impera uma aprendizagem de forma complementar (BRASIL, 1997).

Partindo desses princípios, sempre que possível, direcionar os assuntos para a prática, com a intenção de interagir com as disciplinas clínicas, proporcionando uma interdisciplinaridade que objetiva uma melhor qualificação dos acadêmicos (MADEIRA, 2008).

É verdade que ainda existem professores que trabalham esta

disciplina baseando-se no ensino mecanicista e aprendizagem literal e acumulativa, cuja relação professor e aluno permanece verticalizada, por meio de aulas expositivas objetivando somente a fixação de termos técnicos, privilegiando. Assim, a formação técnica, em detrimento da formação integral do ser humano (COSTA, 2007).

Incontri (2000) propõe que no processo de ensino deve-se considerar o homem como um todo: ser animal, ser social e o ser espiritual; ou seja, que ao estudar a si próprio o aluno traga seu conhecimento de mundo, levando em conta suas crenças espirituais. Dessa maneira, como afirma Camargo (2003), o ensino será o estímulo capaz de realizar as mudanças para a prática profissional.

Andrian (2004) corrobora, ao declarar que o ensino deve chegar ao sentimento, como também à inteligência; deve formar pessoas saudáveis de corpo e alma. Ao vivenciar a disciplina de anatomia, o acadêmico de enfermagem a percebe diferente das demais disciplinas. Este fato é entendido como necessário para uma aprendizagem significativa.

Assim, Pettengill et al. (2003) afirmam que cabe ao professor estimular para que seja uma anatomia criativa, participativa, reflexiva e autônoma, capaz de integrar os mecanismos das disciplinas clínicas, o que possibilitará o aluno perceber seu crescimento como pessoa, e que resultados serão percebidos durante os estágios e profissão futura, não somente no campo emocional, superando seus medos e inseguranças, mas também no campo científico e tecnológico.

De acordo com Silva e Guimarães (2004), cabe ao professor fornecer aos acadêmicos momentos de apreciação, conhecimento e conscientização das estruturas do corpo, formadas pela natureza biológica, estimulando-os para um relacionamento com conteúdos de anatomia e o seu próprio ser biológico. Afirmam ainda que, através do estudo da anatomia humana, são processadas autorrelações quanto a um determinado conteúdo, pois estará exercitando, sentindo, valorizando e alcançando o aprendizado em algo que lhe é próprio: seu corpo. Pode ainda, por meio da anatomia humana, aprender, analisar e compreender o seu cotidiano, a mando do estado sócio-espiritual.

Quando se refere à anatomia humana, refere-se à vida, pois o seu conhecimento tem o propósito para gerar cuidado a quem está com vida. Seu estudo leva a refletir sobre as mais variadas formas de estar a

favor do outro, do cuidar em enfermagem; e esse cuidar do outro deve ser desenvolvido em todos os momentos (CAMACHO; SANTO, 2001).

Silva e Guimarães (2004) comprovam, no sentido de que, quando o acadêmico percebe por meio de uma análise crítica e consciente de sua organização corporal, entende questões acerca das situações humanas a serem encaradas.

Kestenberg et al. (2006) descrevem que a disciplina de anatomia humana, quando estruturada nas informações humanitárias e científicas, poderá constituir um instrumento para desenvolver nos alunos o cuidado com o outro. Tais estruturas precisam ser difundidas e articuladas com outras disciplinas, para que num todo conduza à compreensão da prática clínica, pois o conhecimento das disciplinas não se finda em si mesma, mas uma construção em conjunto que se faz e refaz de forma dinâmica, que levará a um propósito; o cuidado com o outro.

Camacho e Santo (2001) completam, ao referirem que é de suma importância despertar a sensibilidade do acadêmico; ao saber que a sensibilidade o capacita naturalmente em tocar, em sentir o cuidar, tudo em favor da vida. Neste contexto, ensinar anatomia é conduzir o acadêmico a refletir sobre o corpo-matéria-morte, conduzindo ao entendimento corpo-matéria-vida. Quando vivencia o manuseio com o cadáver, o acadêmico está desenvolvendo suas práticas de aprendizagem sobre o cuidado humano, criando assim seu futuro fazer profissional. O contato com o cadáver na prática anatômica faz o acadêmico vivenciar a prática do cuidar, uma vez que cuidar do seu semelhante é ter uma vida em suas mãos.

Takahashi e Fernandes (2001) salientam que a construção da maturidade profissional ocorre ao longo de toda a trajetória profissional. Tal maturidade tem início nas aulas de anatomia, mesmo que isso ocorra em momentos de apreensão e medo. Como afirmam Camacho e Santo (2001), são momentos relacionados não diretamente à fuga, mas ao “novo”. Esses autores completam ainda dizendo que o algo “novo” que toma a nossa mente e transforma este momento de aprendizagem em algo inevitável e essencial é a experiência.

Quando o acadêmico está em prática de estágio, ele se conscientiza da importância do que foi aprendido pela experiência das aulas de anatomia, pois compreende com maior clareza a dimensão da vida e

morte, no mundo do cuidar hospitalar (KESTENBERG et al., 2006).

Madeira e Lima (2007) refletem sobre a relevância da disciplina de anatomia na formação acadêmica em enfermagem, pois nas atuais reestruturações é colocada em evidência a atual situação educacional. A carga horária disponível muitas vezes não consegue desenvolver as competências necessárias no pessoal de enfermagem de nível superior e o processo de mobilização para uma prática de enfermagem humanizada.

Para Chopard et al. (1997), a reflexão está na questão da redução da carga horária das disciplinas básicas, propiciando reflexão e discussão sobre importância das disciplinas básicas fundamentais.

Galleguillos e Oliveira (2001) relatam que as disciplinas clínicas nos cursos de enfermagem tem sido favorecidas nos últimos tempos, por meio das mudanças em sua carga horária. Conseqüentemente, Piatto e Batigalia (2000) declaram que se encontra hoje a anatomia humana com carga horária reduzida, o que leva ao aparecimento de vários modelos e métodos pedagógicos para propor uma adequação do ensino à realidade atual.

Chopard et al. (1997) demonstram que tais modificações, que acontecem no ensino de anatomia, não ocorrem somente no Brasil, mas é percebido também internacionalmente.

Madeira (2008) relata que, por essa redução, poderá a disciplina de anatomia ser lecionada de maneira técnico-acadêmica e se esgotar em si mesma, fadada a um aprendizado árduo e pouco motivador. Por outro lado, as disciplinas clínicas, por sua vez, são mais dinâmicas e mais próximas da realidade do futuro profissional. Em decorrência disso, são por si só motivadoras. Sugere o mesmo autor que, para superar tal situação, é necessário aplicar o binômio necessidade (o que se irá usar) e o prazer (agradável de entender e de estudar).

Uma outra situação danosa é que as instituições de ensino superior, para atender a um determinado público, promovem cursos noturnos; nestes, devido muitos trabalharem durante o dia, encontram-se acadêmicos cansados, às vezes sonolentos e sem uma alimentação adequada. E ainda, visto que a disciplina de anatomia é implantada no primeiro ano, o acadêmico está em processo de adaptação (MADEIRA, 2008).

Corredera e Santana (2003) relatam que os conhecimentos de anatomia humana são inquestionáveis para a hora de sua aplicação na

prática e fundamentais para a exploração física e para a interpretação de técnicas de imagem.

Em meio a tantos conflitos, possibilidades e a diversidade das capacidades que cada indivíduo pode apresentar para formular perguntas, questionam-se quais os melhores métodos de ensino a serem aplicados. No entanto, é notável a diversidade de métodos pedagógicos encontrados na literatura sobre a educação. Webb (2006) descreve alguns dos exemplos mais conhecidos de ensino que incluem o *Ensino Ativo*, em que o envolvimento dos alunos se dá de diversas formas, como pequenos grupos de discussão a projetos tipo “faça você mesmo”. No *Ensino Experiencial*, os alunos, de maneira ativa, desempenham experiências e vivenciam situações que os projetam além da sala de aula. Esta forma de ensino é inspirada na linha do “aprender fazendo”. E o *ensino assistido por computador*, uma metodologia em que a realidade virtual, o *software* interativo e as situações desempenham um papel altamente cativante e envolvente.

Costa (2007) lista alguns métodos eficazes no ensino da anatomia humana, como modelos, manequins e simuladores mecânicos; filmes e vídeos interativos; peças orgânicas de animais, como coração, pulmão entre outros; *software* interativo e simulações computacionais entre outros. Relata o mesmo autor que tais grupos podem ser selecionados e utilizados em conjunto.

Diante dos objetivos pedagógicos apontados pelo professor, os mais variados métodos podem ser selecionados. Já que o processo ensino/aprendizagem é multidimensional, e as necessidades de novos métodos adequados, que facilitem o processo, devem causar envolvimento dos alunos.

Assim, o ensino da anatomia humana deve se empenhar nas relações dos sujeitos no seu cotidiano, transpondo a visão da coletividade no qual o objeto deixa de ser apenas biológico para ser social e espiritual, e aliar-se ao desafio da enfermagem, que é o de concretizar, na prática técnica, social e política, a ideologização e institucionalização de novos fundamentos para a rotina da enfermagem, como cuidar para uma vida plena e digna, direito de todo o cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devem-se apontar possíveis reestruturações no método utilizado nas aulas de anatomia humana para que se obtenha uma aprendizagem expressiva e interrelacionada com as demais disciplinas, que ao refletir sobre a realidade com o objetivo de transformá-la tenha como consequência uma melhor qualificação do profissional de Enfermagem.

A universidade tem como função proporcionar aos acadêmicos da área de saúde o pilar do conhecimento técnico-científico; porém as aulas de anatomia humana não devem ser baseadas em simples adquirir saber proveniente de práticas e procedimentos; mas integrar ciência, arte, ética e humanização. Neste contexto, o ensino de anatomia humana colabora em muito para a qualidade dos serviços prestados ao pacientes em enfermagem.

Para que a disciplina de anatomia humana seja realmente significativa desde a graduação, seja estendida além da vida profissional, deve levar o aluno ao contato com conteúdos que tenham significado para a realidade dele mesmo, o que facilitará a aprendizagem e o reconhecimento de sua importância e a incorporação de seus atributos, de maneira que tais reconhecimentos não sejam depois que o aluno termine o curso e entre em contato com a prática profissional, quando, muitas vezes, não terá um professor para sanar suas dúvidas.

O enfermeiro tende a se deparar com conflitos como a morte, o luto e como lidar com as emoções. Vê-se a disciplina de anatomia humana, quando bem trabalhada, um meio de aprender a lidar com valores, emoções, medos e angústias. O acadêmico, ao olhar para o cadáver, o compreende como seu primeiro paciente; mesmo sem vida, ele pode trabalhar a sua angústia ao cuidar do outro. Cabe, para isso, que o professor seja um instrumento facilitador para esse processo, cuidando para que os mecanismos de defesa contra a morte não façam dos alunos seres insensíveis.

Portanto, é verdade indubitável que a disciplina de anatomia humana deve ser para além de mero conceituar do conteúdo e observar peças anatômicas, sem a valorização dos princípios humanitários e éticos e que a interdisciplinaridade seja embasada no binômio necessidade e prazer.

Pode-se concluir que o conceito clássico de que anatomia humana é um dos pilares do ensino da enfermagem permanece vigente, apesar da redução da carga horária sofrida nos últimos anos. Neste trabalho, empenhou-se em, além de destacar a relevância da disciplina de anatomia humana nas questões de conhecimento clínico e científico para a prática profissional, também chamar a atenção para as questões humanitárias questionadas diante desta prática disciplinar. No entanto, faz-se necessário realizar modificações nas metodologias e orientações docentes, como e sugerido por muitos autores aqui relatados, para atender às necessidades clínicas atuais encontradas na prática do profissional em enfermagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. de; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 8. ed. São Paulo: Associados, 1990.
- ANDRIAN, I. F. Refletindo sobre a educação. **Arq. Apadec**, v. 8, n. 2, p. 57-60, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 10.
- CAMACHO, A. C. L. F.; SANTO, F. H. E. Refletindo sobre o cuidar e o ensinar na enfermagem. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 9, n. 1, p. 13-17, jan. 2001.
- CAMARGO, V. M. C. **A prática pedagógica num paradigma inovador no programa de aprendizagem metodológica de radioisótopos**. 2003. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação Stricto Sensu - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2003.
- CHOPARD, R. P. et al. O ensino da anatomia. Uma visão discente. **Rev. Hosp. Clin. Fac. Med. S. Paulo**, v. 52, n. 6, p. 337-341, 1997.
- CORREDERA, B. M.; SANTANA, P. L. Relevancia de la anatomía

humana en el ejercicio de la medicina de asistencia primaria y en el estudio de las asignaturas de segundo ciclo de la licenciatura en medicina. **Educación médica**, v. 6, n. 1, p. 41-51, 2003.

COSTA, A. P. **Ensino da anatomia humana em cursos de graduação em educação física**. 2007. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de pós-graduação Stricto Sensu - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2007.

DELL' ACCQUA, M. C. Q.; MIYADAHIRA, A. M. K. Ensino do processo de enfermagem nas escolas de graduação em enfermagem do estado de São Paulo. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 10, n. 2, p. 185-191, mar./abr. 2002.

FREITAS, D. M. V.; FÁVERO, N.; SCATENA, M. C. M. O ensino de graduação na escola de enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo: suas prospectivas. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 1, p. 25-34, dez. 1993.

GALLEGUILLOS, T. G. B.; OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 1, p. 80-87, mar. 2001.

HORNE, D. J. et al. Reactions of first-year medical students to their initial encounter with a cadaver in the dissecting room. **Act. Méd.** v. 65, n. 10, p. 645-646, 1990.

INCONTRI, D. A. **A educação segundo o espiritismo**. 4. ed. São Paulo: Comenios, 2000. 192 p.

KESTENBERG, C.C.F. et al. Cuidando do estudante e ensinando relações de cuidado de enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** v. 15, p. 193-200, 2006.

LUNA, A. C.; MUÑOZ, N. S. El paradigma sociomédico cubano: um reto para la enseñanza de la Anatomía Humana. **Rev. Cubana Educ.**

Super. v. 14, n. 2, p. 148-154, 2000.

MACHADO, J. L. M.; CALDAS JÚNIOR, A. L.; BORTOCELLO, N. M. F. Uma nova iniciativa na formação dos profissionais de saúde. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, 1997.

MADEIRA, M. C. **Sou professor universitário e agora?:** manual de primeira leitura do professor. São Paulo: Sarvier, 2008. 156 p.

MADEIRA, M. Z. A.; LIMA, M. G. S. B. A prática pedagógica das professoras de enfermagem e os saberes. **Rev. Bras. Enferm.** v. 60, n. 4, p. 400-404, jul./ago. 2007.

MALNIC, G.; SAMPAIO, M.C. O ensino das ciências básicas na área da saúde. **Estud. Av. São Paulo**, v. 8, n. 22, p. 547-552, set-dez, 1994.

MOMPEO, B.; PEREZ, P. Relevance of Gross Human Anatomy in health primary care and in clinical disciplines of medical studies. **Educ. méd.** v. 6, n. 2, 2003.

PEREIRA, A. L. F. Pedagogical approaches and educational practices in health sciences. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1527-1534, sept./oct. 2003.

PETTENGILL M. A. M.; NUNES, C. B.; BARBOSA, M. A. M. Professor e aluno compartilhando da experiência de ensino-aprendizagem: a disciplina de enfermagem pediátrica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 11, n. 4, p. 453-460, jul./ago. 2003.

PIATTO, V. B.; BATIGÁLIA, F. Utilização de peças anatômicas de cadáver e o ensino médico. **HB Científica**, v. 7, n. 2, maio/ago. 2000.

RODRIGUES, R. M.; ZANETTI, M. L. Teoria e prática assistencial na enfermagem: o ensino e o mercado de trabalho. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 8, n. 6, p. 102-109, dez 2000.

SADALA, M. L. A.; STEFANELLI, M. C. Avaliação do ensino de relacionamento enfermeiro-paciente. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 4, p. 139-151, abr. 1996.

SILVA, R. A.; GUIMARÃES, M. M. Arte educação: facilitando o ensino de morfologia. **Educere**, v. 4, n. 1, p. 55-63, 2004.

SPINDOLA, T.; CASTANON, F. F.; LOPES, G. T. O estresse na unidade de terapia intensiva. **Âmbito Hospitalar**, v. 5, n. 2, p. 40-41, 1994.

STACCIARINI, J. M. R.; ESPERIDIÃO, E. Reviewing teaching strategies in a learning process. **Rev. Latino-am. Enferm.** v. 7, n. 5, 1999.

TAKAHASHI, R. T.; FERNANDES, M. F. P. Percepção dos licenciados de enfermagem sobre a disciplina metodologia de ensino em enfermagem. **Rev. Nursing**, v. 41, p. 30-35, out. 2001.

TORRES, W. C. et al. Atitudes frente à morte: implicações na formação de equipes profissionais multidisciplinares. **Arq. Bras. Psic.** v. 41, n. 1, p. 43-72, fev. 1989.

WEBB, M. Ética e interatividade no ensino/aprendizagem das Ciências da Vida. **Proformar**, v. 13, 2006. Disponível em: <http://www.proformar.org/revista/edicao_13/pag_6.htm>. Acesso em: 11 set. 2008.

Recebido em / Received on / Recibido en 29/05/2009

Aceito em / Accepted on / Acepto en 03/08/2009